



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIREC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



LUZINETE FERREIRA DA SILVA

MEMÓRIAS DE UMA EDUCADORA EM FORMAÇÃO

Ji-Paraná/RO
2017

LUZINETE FERREIRA DA SILVA

MEMÓRIAS DE UMA EDUCADORA EM FORMAÇÃO

Memorial apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, na modalidade à distância, da Universidade Federal de Rondônia [UNIR], em parceria com a Universidade Aberta do Brasil [UAB] e com o Polo de Ji-Paraná/RO, como Pré-requisito para a conclusão do Curso, sob a orientação do Prof^a Ma. Gicele Sucupira Fernandes.

Ji-Paraná/RO
2017



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIREC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



MEMÓRIAS DE UMA EDUCADORA EM FORMAÇÃO

LUZINETE FERREIRA DA SILVA

Este trabalho foi julgado adequado para obtenção do título de Graduação em Pedagogia e aprovado pelo Departamento de Ciências da Educação.

Profa. Dra. Márcia Machado de Lima
Chefe do Departamento de Ciências da Educação

Professores que compuseram a banca:

Presidente: Prof^ª. Msa. Gicele Sucupira Fernandes

Membro: Prof. Dr. Wendell Fiori de Faria

Membro: Prof. Dr. Mario Roberto Venere

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, que sempre me protegeu e me deu sabedoria em todas as etapas deste trabalho.

Agradeço também ao meu esposo, minhas filhas, minha mãe, e restante dos meus familiares por ter me dado apoio me ouvindo e compreendido.

Agradecer também aos meus colegas e amigos do curso que sempre me incentivaram e acreditaram em mim, me dando um grande apoio durante o período desse trabalho.

Aos tutores, professores que tivemos ao longo do curso e a professora orientadora Gicele Sucupira Fernandes. Todos contribuíram através de seus conhecimentos para minha formação.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	6
1. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	7
2. A EDUCAÇÃO INFANTIL E O BRINCAR.....	9
3. A EDUCAÇÃO NA ZONA RURAL.....	13
3.1. Uma nova escola.....	16
4. CONCLUSÃO DO ENSINO MEDIO.....	18
5. A TRANSFORMAÇÃO QUE A PEDAGOGIA FEZ NA MINHA VIDA.....	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	25

APRESENTAÇÃO

Esse Memorial de formação apresenta pontos relevantes da minha trajetória de vida estudantil e acadêmica, com o objetivo de descrever quem sou e o que cada período dessa formação acrescentou para formação pessoal e profissional. Percorrerei desde o primeiro contato com as experiências escolares adquiridas, até o momento de ingresso no curso de Pedagogia EaD da UNIR. Discorrerei sobre a realização de chegar à formação acadêmica, refletindo ainda sobre o processo de construção do conhecimento durante o período de formação e aprendizagem construídas até o presente momento.

Reviver as memórias me proporcionou ter acesso a alguns acontecimentos, enfatizando os melhores e os mais importantes no decorrer do curso, as escolhas, as conquistas e as frustrações que tive, bem como as expectativas que tinha antes, durante e depois do curso. Mostrarei através das experiências vivenciadas durante todo esse longo período, a relação direta com professores, alunos e a comunidade escolar em geral, proporcionados pelos estágios. Neles tive a primeira experiência direta com essa relação de professor e aluno, que me proporcionou encantamentos, desafios e grandes aprendizados.

Este memorial apresenta no primeiro capítulo a história de educação dos meus pais e uma reflexão sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Em seguida, relembro o primeiro contato direto com a Educação Infantil e as experiências oferecidas pelo estágio escolar, período que me fez mais reflexiva. Em seguida, trato da minha experiência escolar na zona rural, período de vivências que marcaram meu processo de aprendizado. Nos últimos capítulos, escrevo as memórias sobre o Ensino Médio e discorro sobre como a Pedagogia transformou minha vida, destacando as experiências que me fizeram olhar diferente para educação e contribuíram para minha formação.

1. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Pensamentos adormecidos na memória vão surgindo ao serem estimulados. Luzinete Ferreira da Silva, filha mais velha dos agricultores, o Senhor João Ferreira da Silva e a Senhora Ivanilde Ferreira da Silva. Ambos são migrantes, meu pai do estado do Espírito Santo da cidade Conceição da Barra e minha mãe da cidade de Mamborê no Paraná. Devido às diversas mudanças de lugar e as obrigações de ajudar com mão de obra, é importante enfatizar que nessa época as crianças mesmo muito pequenas já ajudavam os pais na lida com a terra, por isso meu pai só estudou até a 3ª série do antigo primário e conta que não chegou a concluir.

Já a minha mãe tinha dificuldades porque meu avô não era muito a favor dela frequentar a escola, mas mesmo assim estudou. Ela se casou no início do ano de 1986 e logo em 1987 nasci. Morávamos na zona rural do município de Ji-Paraná, em Rondônia. Movida pela força de vontade de aprender minha mãe tentou dar continuidade aos estudos, com muitas dificuldades, por não ter transporte, o acesso à escola ser difícil e sem condições na época. Por conta da chegada de mais uma filha, então com duas crianças, e as obrigações com a nova família ela não teve condições de prosseguir e estudou até a 5ª série do ensino fundamental, sem conseguir concluir.

Os mesmos motivos que levaram meus pais a não terem a oportunidade de continuar com os estudos eram os de muitos analfabetos pelo país. Lembrou-me da disciplina de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e das entrevistas realizadas com os alunos dessa modalidade de ensino. Além disso, também de uma situação muito recente. Atualmente trabalho diretamente no atendimento ao público e em sua maioria da zona rural. Certo dia, no ano de 2016 atendi uma senhora casada, com 30 anos de idade, aparência bem jovem. Ao finalizar o atendimento pedi que assinasse um documento. Na mesma hora ela me disse que não sabia assinar. Pedi desculpas por não saber e fiz o procedimento de pegar a assinatura com seu dedo polegar. Logo depois fiquei a pensar: "Nossa! Como uma moça jovem não sabia assinar nem o próprio nome?". Também nem me ocorreu de saber as razões pela qual não estudou, pois, esse tipo de fato acontece frequentemente com pessoas mais de terceira idade que atendo no dia a dia.

Tanto nessa experiência com essa moça quanto com os alunos de EJA tive um “choque”, ao ver pessoas cheias de experiências de vida, que não puderam estudar em

um ensino regular na idade certa, não saberem formar uma palavra. Diante dessa situação fiquei paralisada por alguns instantes na EJA. Ouvia falar em taxas e números de analfabetismo no país, mas aceitar que eu estava em uma sala de aula com pessoas adultas que mal sabiam ler e escrever, simplesmente surreal. Uma triste realidade.

Muitos se sentem envergonhados e fragilizados pela condição em que se encontram, não gostam de depender das outras pessoas. Houve vários relatos que o motivo de regressarem a escola era justamente se desvencilhar dessa dependência, tornar-se capaz de realizar tarefas simples como ir ao supermercado e identificar valores, ajudar os filhos em tarefas escolares, ler a bíblia, tirar carteira de habilitação. Coisas simples que tornam se grandes barreiras para eles.

Ao buscar a EJA, esses alunos, tal como atenta Paulo Freire (2013) se reconhece na condição de opressão e a partir desse reconhecimento faz uma reflexão crítica da realidade, saindo em busca da transformação de sua realidade opressora e por meio do conhecimento poderá alcançar a sua libertação. A busca pelo conhecimento faz com que se torne autoconfiante, integrante da sociedade da qual sentia não fazer parte.

Felizmente, em sala de aula a base das aulas era o diálogo, que para Paulo Freire (2013), é um elemento de suma importância no processo educativo, pois a partir da construção de diálogos e das experiências trazidas pelos educandos que o educador poderá relacionar aos conteúdos a serem trabalhados, produzindo aulas dinâmicas, valorizando os conhecimentos sociais e as particularidades de cada um.

A professora da EJA fazia isso. Suas aulas eram baseadas na troca de saberes e experiências vivenciadas por eles ao longo de suas vidas. A postura da educadora em trazer essas experiências para sala de aula servia como incentivo aos educandos, que ali chegavam desestimulados, sentindo-se inferiores aos demais cidadãos.

É preciso que o professor da EJA tenha esse cuidado ao preparar sua aula, pois sua clientela precisa não só enfrentar os desafios do cotidiano social, mas também diversos fatores que podem levar à desistência. Infelizmente, nem todos conseguem continuar e superar as várias barreiras da vida diária.

Enfim, nesse cenário percebo a importância da proposta de Paulo Freire (2013) para uma educação conscientizadora do sujeito por meio de saberes, a valorização do contexto social, das experiências vivenciadas, de modo a levar a reflexão crítica sobre sua realidade a fim de transformá-la, uma vez que o aluno é sujeito de sua própria história.

2. A EDUCAÇÃO INFANTIL E O BRINCAR

Morávamos na zona rural na cidade de Ji-Paraná, porém a terra era do meu avô paterno. Diante das dificuldades da época, morando de favor e com duas crianças pequenas para criar, fomos obrigados a nos mudar. Nessas condições meu pai recebeu uma proposta de emprego na cidade e começávamos uma nova etapa em nossas vidas. Desse tempo tenho poucas recordações, lembro-me de brincar na rua, de ir à casa da minha avó materna, de um pé de manga enorme na esquina da rua e vagamente do caminho que fazíamos com minha prima, que era professora na creche que estudava.

Minha vida escolar começou aí, na memória do parque de pneus da creche, onde brincava como os colegas de sala. As brincadeiras, os jogos, as cantigas na Educação Infantil devem propor motivação e propiciar às crianças aprendizado de forma natural para estimular e garantir as várias aprendizagens tanto no ambiente escolar quanto fora dele como expressa o Referencial Curricular para a Educação Infantil:

A brincadeira favorece a autoestima das crianças, auxiliando-as a superar progressivamente suas aquisições de forma criativa. Brincar contribui, assim, para a interiorização de determinados modelos de adulto, no âmbito de grupos sociais diversos (...). Nas brincadeiras, as crianças transformam os conhecimentos que já possuíam anteriormente em conceitos gerais com os quais brinca. (BRASIL, 1998, p. 28):

Além das brincadeiras minha mãe relata que eu tinha tarefas de casa e as fazia em sala também. Esse período vivenciado na creche, não só foi importante para convivência social, interação com outras crianças, mas para a base do meu aprendizado escolar. Ao sair da creche, mesmo sabendo que a Educação Infantil não tem o papel de alfabetizar, reconhecia as letras, números e também sabia ler algumas palavras.

A metodologia usada na época, voltada a corrente tradicional, onde a repetição e memorização são relevantes. Aluno ser vazio de conhecimento vai à escola onde lhe é depositado o saber. Nas quais a prática comum era ligar pontinhos para formar as letras, números, relacionar gravuras com as letras iniciais das palavras, não sendo as mais apropriadas técnicas utilizadas no desenvolvimento das habilidades da coordenação motora e escrita. Sabendo das diversas mudanças na educação ao longo do tempo quanto às práticas pedagógicas na Educação Infantil, ainda são utilizadas em algumas instituições de ensino. Lembro-me que no início da alfabetização da minha filha mais

velha, que hoje tem dez anos, essas práticas eram muito utilizadas. Atualmente com minha filha de quatro anos, pude perceber que a professora trabalha mais livremente, explorando a criatividade e imaginação, deixando que a criança desenvolva seu lado artístico, pois elas têm por natureza a criatividade, a curiosidade e o prazer de aprender. São momentos de brincadeira e descontração cheios de aprendizado, de imaginação e de traçado livre as levam a grandes descobertas. É justamente essa a proposta apresentada no Referencial Curricular para a Educação Infantil:

Enquanto desenham ou criam objetos, as crianças também brincam de “faz de conta” e valorizam narrativas que exprimem suas capacidades imaginativas, ampliando sua forma de pensar e sentir, o mundo sobre qual estão inseridas. A criança cria, recria individualmente formas expressivas interagindo percepção, imaginação, reflexão e sensibilidade que poderão então ser apropriadas pelas leituras simbólicas de outras crianças e adultos. (BRASIL, 1998, v. 3, p. 93).

No estágio que realizei na creche vi essa proposta de forma concreta. Ao contrário do que as maiorias das pessoas pensam, a creche desenvolve além do cuidado com as crianças, o brincar direcionado com elas. Para isso o educador tem que fazer o planejamento diário das atividades a ser realizadas com as crianças, através da preparação dos espaços disponíveis. De acordo com Ostetto (2000, p.59) a relação do espaço criado para aprendizagem faz com que “as crianças realmente ampliem suas possibilidades de exercitar a autonomia, a liberdade, a iniciativa, a livre escolha, quando o espaço está adequadamente organizado”.

A preparação adequada dos espaços pedagógicos pode levar a criança a viajar e descobrir o desconhecido. O educador como mediador da ação, pode proporcionar diante do seu planejamento, nas brincadeiras, a interação, a curiosidade e a liberdade para explorar um mundo de possibilidades.

No berçário havia brinquedos diversos e todos os brinquedos eram usados para estimular as crianças e trabalhar a coordenação motora. A observação feita no berçário foi realizada a pedido da orientadora da creche, por motivo da falta de uma funcionaria, fui observar e participar no berçário.

Diferente da turma do maternal, que as crianças dependem mais dos estímulos do educador, envolvimento e interação nas atividades, a turma do Maternal-I e Pré-I, as crianças já andam de um lado ao outro, já trazem consigo um conhecimento prévio

adquirido através da convivência social e com o meio. É preciso saber lidar com suas inquietações, choros, curiosidades, por isso confesso que fiquei com receio.

Estava ali para aprender, como planejado, procurei estar bem próxima das crianças, em uma relação afetuosa. Com auxílio da professora em sala o nervosismo foi passando e o momento ficou proveitoso, cheio de aprendizado. Através dessa experiência pude perceber que a didática e os recursos usados para trabalhar com a educação infantil precisam ser variados, de maneira que gere a interação social e aprendizado com o outro, no brincar, no lúdico, no áudio visual, gestual.

As brincadeiras e ludicidade fazem parte desse processo e são importantes na educação infantil, uma vez que estimulam o desenvolvimento e a imaginação da criança criam possibilidade de discussão durante a convivência com outras crianças nas brincadeiras, proporcionando possibilidades de aprendizados na construção do conhecimento. Para Vygotsky (2014) o desenvolvimento é um processo que se dá de fora para dentro, o aprendizado acontece a partir da interação do meio que se vive.

A partir da teoria de Vygotsky, planejei trabalhar com a turma do Pré I, de crianças de 04 anos. Levei para sala um tema em que pudesse trabalhar a orientação e a conscientização. Escolhi falar sobre a Dengue. Começamos com bate papo, sobre o assunto, levei alguns desenhos relacionados ao tema, fiz várias perguntas: Quem sabia o que era dengue? Como pagava dengue? O que fazia para evitar a dengue? Vários questionamentos.

Cheguei a pensar que seria um tema complicado para trabalhar, mas no momento das indagações que fiz, fiquei surpresa, alguns sabiam além do que tinha planejado, e do nosso bate papo foram surgindo curiosidades e aprendizado. Pois o desenvolvimento e aprendizado a partir do meio social e cultural afirmado, discutido por Vygotsky (2014), já era perceptível no desenvolvimento da atividade.

O envolvimento de todos na atividade foi satisfatório. Na troca de experiências e a relação com tema trabalhado, produzimos conhecimentos e conscientização que agregaram valores para o convívio social.

Fotografia 1 - Atividade realizada em sala de aula durante Estágio.



Fonte: Arquivo Pessoal (2016)

Fotografia 2 - Atividade da exposição de atividades em sala de aula durante Estágio.



Fonte: Arquivo Pessoal (2016)

Após o término da atividade foi realizada a exposição de todos os trabalhos. As crianças ficaram entusiasmadas, identificavam e mostravam os seus desenhos para os colegas. Por fim, levamos as crianças para sala de vídeo para ouvir a canção relacionada ao tema, onde elas identificavam as figuras que tinham pintado em sala e faziam conexão do visual com o que foi trabalhado em sala na sala.

3. A EDUCAÇÃO NA ZONA RURAL

Continuando com as minhas memórias, nesse intervalo de um ano e sete meses morando na cidade, nasceu meu último irmão. Nesse tempo também meu pai sofreu um acidente grave de trânsito e após a sua recuperação, veio à notícia de que novamente retornaríamos para o sítio. Essa notícia me deixou muito triste, porque além de ter que sair da escola sem concluir o ano, eu não iria ter minha primeira formatura na creche. Este era um dos momentos que eu mais sonhava, pois era o assunto que mais se falava. Não teve outra saída. Voltamos novamente a morar na zona rural no município de Jiparaná/RO.

Ainda com seis anos de idade comecei a frequentar a Escola Sabiá Laranjeiras, localizada a aproximadamente 4 km da minha casa. Frequentava como ouvinte, pois ainda não tinha idade para ser matriculada na primeira série, que nessa época, só podia iniciar aos sete anos. Como na cidade já estava acostumada com a rotina escolar, continuei como ouvinte até finalizar o ano letivo. Foram quatro anos estudando nessa escolinha, rodeada por gramas verdinhas, árvores, flores. Lembro-me do vento fresco que adentrava pelas frestas das paredes pintadas, dos pingos de água que passavam pelo gasto telhado. Estudei nesse cenário de 1ª a 4ª série. Estudávamos todos na mesma sala e com a mesma professora, que não tinha formação acadêmica em pedagogia. Ela ainda estava estudando para concluir o ensino fundamental e médio.

Eu e os outros alunos juntamente com a professora passamos por muitas dificuldades. A escola era longe de casa e a infraestrutura inadequada. Não podíamos contar com merenda escolar durante o ano todo então, muitas vezes, para não ficarmos um longo período sem nos alimentar, as mães faziam um revezamento e a cada dia uma fazia a merenda. Quando não podiam, a professora se dividia entre as quatro turmas e a cozinha da escola para preparar os alimentos, que eram doadas pelos pais.

Por diversas vezes nós alunos fazíamos a limpeza da cozinha e lavávamos as louças. Era uma única sala para todas as turmas. Mesmo apertada, havia espaço para o calendário dos aniversariantes do mês, o alfabeto colorido, e um cantinho para guardar os livros.

Perante a circunstância de sala multisseriada, a professora não tinha tempo para dedicar-se a uma única série, pois era difícil conseguir trabalhar com muitas séries e vários níveis de aprendizado na mesma sala. As práticas pedagógicas utilizadas pela professora era repassar o que ela sabia de forma tradicional, somente usava o livro, com informações que passavam longe do contexto vivenciado no dia a dia do campo.

Os exemplos citados nos conteúdos dos livros muitos nem conheciam, porque nem todos tinham TV na época e íamos pouco até a cidade. Mesmo tendo ao redor, um pátio enorme, não me recordo de aulas mais dinamizadas, de contato direto com outros ambientes que não o da sala de aula. Quando era semana de avaliação, a professora passava no quadro em torno de trinta a quarenta questões para a gente decorar. Dessas questões retirava dez para a prova.

Eu sempre fui boa aluna, tirava boas notas, porque decorava tudo e sabia na “ponta da língua” todas as respostas. A aprendizagem era nos moldes tradicionais de ensino, em que o professor era transmissor do conhecimento e os alunos passivamente o recebiam e assim reproduziam um conhecimento. Os conteúdos tinham que ser rigorosamente decorados. Eram raras as situações em que o aluno era estimulado a raciocinar sozinho. O aluno não era visto como um construtor do conhecimento.

Essa prática destoava totalmente do que escrevia Freire “O educando se torna realmente educando quando e na medida em que conhece, ou vai conhecendo (...), e não na medida em que o educador vai depositando nele a descrição dos objetos, ou dos conteúdos.” (FREIRE, 1992, p.47).

Procurando em meus arquivos encontrei uma foto (Fotografia 3) que marca o fim desse período escolar. Nessa época fazia muito esse tipo de fotografia. Hoje em dia isso não acontece nas escolas, às prioridades são outras. Recordo que o dia foi muito especial, vesti uma beca e para o cenário da foto foi utilizada a mesa da professora, o globo terrestre, uma ferramenta de aprendizado, que nas aulas poderia nos levar a conhecer o mundo, mas que só foi usado de mero objeto decorativo, a coleção de livros empilhados as famosas enciclopédias, parecidas com a coleção que meu tio tinha na

estante da casa dele. Devido à diversidade de formas de adquirir conhecimento, as enciclopédias nem são mais usadas.

Fotografia 3 - Lembrança formação 1ª Série do Ensino Fundamental



Fonte: Arquivo Pessoal

Outro detalhe que compõe a lembrança escolar é a frase “Com Deus Vamos Vencer”. Desde 1996, a Lei de Diretrizes e Bases reforça o fato que a escola pública, assim como o país, deve ser laica e assim respeitar as opções religiosas e culturais dos alunos e suas famílias, sem interferências em suas crenças.

Na foto também há uma bandeira do Brasil com seu lema “Ordem e Progresso”. Fazendo aqui uma reflexão crítica, pelas condições atuais em que o país se encontra em plena “Desordem” demasiado pela postura e conduta por parte dos nossos representantes, o “Progresso” se torna um retrocesso dos direitos adquirido pelo povo, sempre lutando pela justiça e igualdade de todos.

3.1 Uma Nova Escola

Não havia a 5ª série na Escola Sabiá Laranjeiras então fui estudar em Nova Londrina, distrito da cidade de Ji-Paraná/RO, na escola Coronel Jorge Teixeira. Na mudança levei aquele susto com as aulas a cada 45 minutos e um professor diferente para matéria. Os professores continuavam com o uso exclusivo do livro didático e lousa para ensinar. As aulas de Educação Física eram bastante proveitosas, tínhamos as aulas teóricas e as práticas, com a finalidade de participação nos campeonatos entre as classes, varias modalidades, mas a que mais gostei foi o voleibol. Fiquei nessa escola somente um ano, devido à dificuldade com a falta de transporte.

Novamente mudei de escola. Dessa vez para escola Rio São Francisco, localizada na zona rural a 7 km da minha casa. A escola atendia de 1ª a 4ª série, a mesma cedia algumas salas, para que os alunos da região não ficassem sem estudar. Estudávamos uma vez por semana e contávamos com ajuda de um senhor que nos levava até a escola gratuitamente. Os pais tinham que ajudar com alimentação da escola, pois a merenda que recebida só era suficiente para os alunos que já estavam no ensino regular. Os professores vinham da cidade e ficava o dia todo na escola. O modelo de ensino era dividido em módulos. Estudávamos o 1º, 2º e assim sucessivamente todos os módulos de matemática de 5º a 8ª série, e assim seguiam com as demais disciplinas.

Os pais apoiavam esse modelo de ensino, pois muitos não tinham condições de levar seus filhos diariamente para escola Coronel Jorge Teixeira onde o havia o ensino regular. Nesse modelo as famílias também poderiam contar com os filhos durante o restante dos dias da semana, para ajudar na lida com o gado, cultivo e colheita das lavouras.

Lembro-me que nesse período que tive minha primeira nota vermelha. Fiquei muito chateada, pois era um conteúdo difícil em ciências e eu não tinha entendido muito bem, mas também não pedi explicação para a professora. Lembro-me que foram poucos décimos, mas ela não me deu. Tive que fazer recuperação, mas a minha preocupação foi como eu deixei isso acontecer, porque eu só tirava notas boas e fiquei muito chateada. Refletir esse episódio me fez perceber que temos uma visão equivocada do ato de errar. O fato do erro também pode proporcionar uma aprendizagem, como não tinha compreendido o conteúdo, tive a oportunidade de estudar mais e tirar uma nota melhor. Serviu como aprendizado, e em outras vezes, que aconteceu de tirar nota baixa,

compreendia que o meu erro, não era de tudo ruim, mas que fazia parte do meu aprendizado.

O estudo era cansativo, o uso dos livros e apostilas continuava, apesar de alguns professores dinamizarem as aulas para amenizar o cansaço. Poucas vezes fazíamos trabalhos em grupo. Tínhamos um ambiente favorável para que houvesse um diálogo crítico e reflexivo, do ambiente ao qual fazíamos parte. Por que não contextualizar sobre as vantagens e desvantagens da permanência no campo, por exemplo? Na época ainda acontecia a questão do êxodo rural, onde as famílias saíam do campo para a cidade em busca de melhores condições de vida. Ouvia falar do assunto, mas não em sala de aula. Durante todo o tempo que estudei em escolas na zona rural não foi feito nenhum debate sobre o assunto, ao contrário, fomentava-se a ideia de que tínhamos que estudar e ter uma boa profissão, para isso era preciso ir morar na cidade.

A escola também deve ser espaço de discussões e ao não problematizar, dialogar, discutir, conscientizar o educando, pode fazer com o aluno se torne um sujeito protagonista de sua história. Nesse sentido, Freire (2013) escreve sobre a forma de trazer de fato a realidade social para o educando:

Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio a experiência existencial dos educandos, vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação (2013, p.79).

Hoje, depois de vários debates, entraves, conseguimos perceber algumas mudanças no cenário atual dessa educação no campo com mudanças significativas e importantes para os alunos do campo. O município de Ji-Paraná/RO, por exemplo, vem desenvolvendo um trabalho onde as escolas do campo participam de um projeto chamado Educampo, que fomenta a ideia de fazer essa relação da realidade do campo aos alunos. Os professores além de fazerem as discussões sobre a importância da permanência no campo levam os alunos a ter contato direto com experiências empreendedoras, que geram qualidade de vida e renda ao mesmo tempo, contribuindo para permanência do homem no campo. Os alunos são levados em propriedades que desenvolvem atividades que podem ser vivenciadas por eles no dia a dia. Visitam agroindústrias de polpas de frutas, geleias, doces e propriedades que produzem sem agrotóxicos.

Esses exemplos são riquíssimos para o aprendizado, o contato direto com essas atividades desperta no aluno a reflexão sobre as possibilidades de construir um futuro sem ter que sair do seu lugar de origem. O projeto também conta com parcerias da Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER/EMATER) e das organizações sociais como o Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município, contribuindo assim para construção de uma agricultura sustentável, resgatando valores, direito e dignidade do homem do campo.

4. O ENSINO MEDIO

O ingresso no ensino médio foi na escola Coronel Jorge Teixeira, localizada no distrito de Nova Londrina que pertence ao município de Ji-Paraná/RO, a mesma em que fiz a 5ª série. Lá tive um professor que representava uma educação tradicional ao “pé da risca”. Ele tinha uma postura firme, centrada, em que “o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados” (Freire, 2013.p 82), de tal forma que explicava o conteúdo uma única vez e quem não prestasse atenção ou não entendesse, nem precisava perguntar novamente, pois ele não respondia. Como possuidor do conhecimento ele agia como se “o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem” (FREIRE, 2013, p. 82), postura muito criticada por Paulo Freire. Quando acontecia de eu não entender, perguntava e tirava as dúvidas com os demais colegas. Nas avaliações que ele dava, se alguns alunos não atingisse a nota, ele dava a recuperação para todos.

Lá também havia outros professores que simplesmente passavam conteúdo no quadro e logo em seguida as atividades e as respostas. Em suas avaliações tínhamos que decorar toda matéria do bimestre e a prova era para responder as perguntas que passavam em sala de aula ou como tarefa de casa. O detalhe mais interessante é que as respostas deveriam ser iguais as do livro, ou seja, era só ler e transcrever fielmente. Essas situações também são criticadas por Paulo Freire, principalmente, quando “o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele;” (FREIRE, 2013, p. 82).

Dessa forma, quem tinha uma boa memória se saia bem na prova, quem não tinha ia para a recuperação, ou seja, o aluno não tinha oportunidade de refletir sobre aquilo que aprendia. Essa prática estava na contramão do que argumentava “ensinar não

é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2013, p.47).

Já no segundo e terceiro ano do ensino médio, mais uma vez mudei de escola, mas dessa vez fui para a escola Ricardo Cantanhede, na cidade de Ariquemes. A escola ficava a uma distância de aproximadamente de 180 km da localidade onde nasci e sempre vivi. Tive que ir para ajudar minha tia que acabara de ficar viúva. Fui para cuidar das duas crianças pequenas para que ela pudesse trabalhar e sustentar a casa. Foi uma experiência difícil, por ter que ficar longe de minha família. Morar com parentes não é a mesma coisa que estar em sua casa.

Consegui uma vaga em um colégio que não ficava muito longe de onde estava morando. Escola nova, colegas novos, professores novos. Foi difícil, pois a turma de amigos do primeiro ano fazia muita falta e a timidez me impedia de ter um bom relacionamento com os novos colegas de sala. Os professores, por sua vez, um pouco diferentes dos anteriores em termos de metodologia e práticas usadas, já não eram tão tradicionais, procuravam envolver o alunos, faziam “bate papos” em sala referente ao conteúdo. As aulas eram mais dinâmicas, deixando o aluno expor as suas ideias e pensamentos.

Tínhamos aulas expositivas, dialogadas, trabalhos em grupos, provas, participação em feiras e noite cultural. Foi muito bom o aprendizado nesse período. Eu tinha muitas dificuldades, sentia vergonha, ficava sempre nervosa nas vezes em que era para apresentar trabalhos, gaguejava muito devido ao medo de falar de modo inadequado, sentia-me muito insegura, mas tudo dava certo no final. Contava sempre com apoio de todos da turma. Esse diálogo em sala tanto de professor com aluno e aluno para com professor não contribui somente para o desempenho e aprendizado escolar, mas para vida para construção das relações entre si e com o outro na convivência social.

5. A TRANSFORMAÇÃO QUE A PEGAGOGIA FEZ NA MINHA VIDA

O desejo de cursar um curso superior surgiu no final do terceiro ano do ensino médio, quando a turma animada resolveu prestar vestibular em uma faculdade particular da cidade. Movida pela empolgação, também fui fazer, porém pensava que não iria

passar então fiz para testar meus conhecimentos. Então fiz a opção para o curso de contabilidade. Não era área que gostaria, mas já que algumas colegas fizeram, também arrisquei. Na verdade, naquele momento ainda não tinha decidido qual área me identificava profissionalmente. Na maioria das vezes ao terminar o ensino médio os alunos ainda não sabem ao certo e muito menos são orientados para a escolha do curso superior que vão cursar, são muitas dúvidas e nenhuma orientação que de fato ajudaria na escolha de sua futura carreira profissional.

Enfim, para minha surpresa passei no vestibular. Então a partir daí surgiu uma vontade de cursar a faculdade, porém não tinha condições financeiras para fazer matrícula de imediato. Estava trabalhando informalmente como doméstica e só ganhava R\$ 100,00 reais na época. O valor a ser pago pela faculdade era de aproximadamente R\$ 380,00, então não tive condições. Recorri a meu pai. Infelizmente, devido a dificuldades e pouca renda vinda da zona rural, não foi possível realizar esse sonho que nasceu de um momento eufórico. Fiquei muito triste e chateada com meu pai. Porém percebi que ele realmente não teria condições de proporcionar o que eu queria naquele momento.

Depois do falecimento da minha avó, resolvemos voltar para cidade de Ji-Paraná. Como não podia ficar parada, fiz alguns cursos voltados para área rural. Fui a vários eventos. Cheguei a ir a São Paulo e a Brasília, participando e contribuindo nos movimentos sociais, para mudanças e melhorias para os jovens, mulheres e o homem do campo. Foi um processo amplo que contribuiu para o meu aprendizado ver em sua grande maioria homens e mulheres analfabetas (os), não por vontade própria, e sim por não ter existido oportunidades de estudar, mas que estavam sempre ali na luta por condições melhores de vidas para seus filhos, netos e toda uma geração que estaria por vir.

Os movimentos sociais também fazem parte de uma educação transformadora, proposta por Paulo Freire (2013), pois têm a característica de mostrar a realidade de desigualdade dentro da sociedade, refletindo de maneira crítica, em uma defesa consciente de mudança e igualdade social.

Porém, o tempo passou. Aos vinte anos fui mãe solteira. Engravidei durante um relacionamento que não deu certo, mas sempre tive apoio dos meus pais. Sem nenhuma formação superior, sem vínculo de trabalho retornei para casa dos meus pais, onde fiquei por três anos. Cheia de aflição, com vergonha, sem perspectiva de um futuro

melhor, o tempo foi passando. Eu sempre pedindo pra Deus abrir portas, que dessem um rumo na minha vida, pois precisava cuidar da minha filha e dar um futuro para ela. Foi então que uma prima precisou que eu fosse para a cidade ajudar ela por um tempo, devido a uma cirurgia que ela fez. Assim fiz, deixei minha filha com meus pais e fui. Depois de dois meses na casa dela surgiu uma proposta de um teste para trabalhar. O trabalho deu certo e atualmente estou nessa mesma empresa.

Foram as colegas de trabalho que me despertaram novamente para o sonho de ter uma graduação, me avisando do vestibular em 2010 da UNIR, em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB). Como não tinha nada definido profissionalmente, decidi pela graduação em Pedagogia. Fiz o vestibular, mas sem nenhuma perspectiva de conseguir então nem acompanhei o resultado. Quando fiquei sabendo já estava quase perdendo prazo para realizar matrícula. Foi uma colega de trabalho que me alertou ao ver meu nome na lista dos aprovados. Fiquei muito feliz e ansiosa para começar. Apesar de ouvir alguns comentários como: nossa você vai ser professora? Porque não escolheu outro curso? Isso não me incomodou, afinal nem mesmo eu fazia ideia de como é importante o papel do professor na construção da sociedade.

Confesso que não tinha pela pedagogia aquela paixão arrebatadora, creio eu que pelo fato de não conhecer e não ter contato direto e mais aprofundado com ela. No início do curso muitas dificuldades, contratempos e uma “dormência” de praticamente dois anos de paralisação do curso, pelo qual não tinha uma paixão, desisti. Para minha surpresa, o curso iniciou novamente.

Nesse intervalo de dois anos de paralisação, casei, minha filha estava morando comigo e já tinha a segunda filha, que era pequena. As coisas foram acontecendo. Tive muita dificuldade de frequentar o curso com criança pequena, trabalhar, cuidar dos serviços domésticos e me concentrar nos estudos. Mesmo sendo um curso a distância, por muitas vezes devido à correria do dia a dia, acabamos perdendo o controle sobre o tempo de estudos que deveríamos ter, resultando em desamino e insegurança, pois tudo era incerto. Não sabíamos se o curso de fato iria continuar ou quando ia terminar. Contava muito com ajuda dos colegas, tutores, que diziam para não desistir e que com perseverança iríamos conseguir concluir.

Com o passar do tempo algumas disciplinas foram chamando minha atenção, mostrando algo diferente, como a de Psicopedagogia, que é a ciência que estuda os processos de aprendizagem das crianças, aliada com a psicologia e assim identifica as

dificuldades e os transtornos que interferem na assimilação e aprendizado do aluno. As disciplinas de Fundamentos da Educação Infantil despertaram meu interesse como futura pedagoga dessa área e pelo fato de ser de duas crianças que estão na idade escolar. A disciplina me fez compreender quão importante é o papel do educador, como formador de opinião e o principal agente do processo educacional, que se estende desde o educar até ao papel de socialização com a sociedade. Portanto, sua formação continuada é um fator fundamental para o sucesso da condução do processo ensino aprendizagem.

Muitas vezes, em nossas conversas, sempre há perguntas sobre a vida escolar dos nossos filhos de parentes, amigos, vizinhos, sobre como a criança está na escola, como andam seu desenvolvimento e sua aprendizagem. Costuma-se dizer que se ela não está muito bem, não está aprendendo muita coisa, a professora não ensina direito, não passa tarefa, não cobra. Enfim, muitas suposições para encontrar a resposta à desatenção do aluno em sala de aula. Durante os estudos das disciplinas aprendemos que cada criança vai desenvolvendo seu método de aprender a partir de seu conhecimento adquirido através do ambiente que vive ou está inserido.

Cada indivíduo tem seu tempo e modo de assimilação daquilo que lhe é ensinado. Mas não esquecendo que quando se percebe que o aluno não evolui de grau na aprendizagem e conhecimento, faz-se necessário uma avaliação mais precisa para poder identificar o que está acontecendo. Esse estudo envolve não somente a escola onde a criança passa maior parte de seu tempo, mas principalmente sua vida familiar e a comunidade que participa, ou seja, sua vida fora do contexto escolar. Portanto para auxiliar na aprendizagem do aluno, faz-se necessário que os pais estejam integrados à escola, sendo importante que ambos falem a mesma linguagem e trabalhem em conjunto. Essa parceria faz com que o aluno tenha uma vida escolar e social tranquila, bem como uma relação mais afetiva consigo e com o outro, levando o aluno ao reconhecimento de suas capacidades.

Lembro-me de uma reunião de pais que participei para entrega do boletim, pude perceber o quanto que nós pais participamos pouco da vida escolar de nossos filhos. A mãe chegou para pegar o boletim com as notas e a professora foi explicar o porquê da nota baixa em Geografia do aluno, disse que o aluno não tinha feito quatro trabalhos que ela solicitou. Então, assustada, a mãe perguntou qual o dia que a professora havia passado, porque ela não sabia que trabalhos eram. Eu como mãe

também, me perguntei se ela trabalhava o dia todo, se na correria do dia a dia não teve tempo, ou se nos pais não fazemos o devido acompanhamento do desenvolvimento escolar dos nossos filhos.

Destaco a importância da participação da família na educação escolar dos filhos, por entender que a relação envolvendo a escola e a família precisa estar em perfeita harmonia para que ocorra um processo de educação eficiente, uma vez que a escola é uma instituição que possui o objetivo de complementar o ambiente familiar. Portanto a escola não deve funcionar sem a família e vice-versa, pois uma depende diretamente da outra, visando o desenvolvimento social e educacional das crianças.

Por fim, as contribuições do curso de Pedagogia para minha formação profissional e pessoal me permitiram refletir sobre os desafios que surgiram ao longo das experiências vivenciadas e ter consciência da importância do trabalho de toda instituição de ensino. Portanto trago aqui algumas recordações de momentos memoráveis que continuarão fazendo parte do meu processo de formação. A interação da teoria com a prática, apesar de conflitante, nos faz aprender sobre as situações do cotidiano escolar.

As situações que ocorreram em sala de aula, por outro lado, me proporcionaram um novo olhar diante dos problemas e um novo agir no ambiente escolar, pois alguns alunos dependem de um olhar especial, assim, devemos sempre criar alternativas e proporcionar estratégias de aprendizagens, para que possam atingir os objetivos, e, acima de tudo, desenvolverem integralmente. As dificuldades e desafios, bem como o observar, refletir, refazer e avaliar a docência fez parte do processo da minha formação. A partir disso, é importante replanejar nossas ações revendo métodos conteúdos, a fim de intervir de forma mediadora na construção do conhecimento e aprendizagem da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo da graduação em pedagogia não proporciona ao acadêmico apenas uma formação profissional, mas também proporciona a aquisição de conhecimento que nos possibilita compreender uma criação e todo o seu processo de aprendizado, assim como o processo de formação do indivíduo. Também nos chama a atenção, para uma formação familiar adequada, mostrando aos pais as suas reais responsabilidades, atos e fatos comportamentais que devem ser analisados e monitorados pelos pais e professores.

Essa graduação me proporcionou um grande e gratificante aprendizado, ao propor como trabalho de conclusão do curso a escrita do Memorial. Confesso que a princípio achei que seria fácil, mas não foi. As dificuldades e desafios (tempo, trabalho, família, contratempos pessoais) foram pertinentes nesse processo, mas sei que estar concluindo, não significa que acabou que estou pronta. Termina aqui um processo de formação, mas a grande jornada começa a partir daqui, pelo chamado da educação transformadora. Entendo hoje que “a capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas, sobretudo para transformar a realidade” (FREIRE, 2013, p.69).

REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm>. Acesso em 10 de Outubro de. 2017.

BRASIL. Constituição (1988) Constituição da Republica Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado 1998.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em 27 de Julho de 2015.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação fundamental. **Referencial curricular nacional da educação infantil: conhecimento de mundo.** Brasília: MEC/SEF. 1998. v. 3.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**, São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17º ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. Pedagogia do oprimido / Paulo Freire. - 55. ed. rev. e atual.—Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo; **Pedagogia da Autonomia – saberes necessários à prática Educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

OSTETTO, Luciana E. (org.) **Encontros e Encantamentos na Educação Infantil: Partilhando experiências de estágios**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.